

Um autor em movimento – Uma reflexão sobre o escritor brasileiro contemporâneo através da obra de João Gilberto Noll

Prof. Dr. Renata Magdaleno (Uerj)

Resumo:

Uma série de autores brasileiros publicou nos últimos anos livros que refletem sobre o papel do escritor e da escrita no mundo de hoje. A partir da obra de João Gilberto Noll (principalmente os romances "Lorde" e "Berkley em Bellagio"), em meio a tramas ficcionais com traço autobiográfico, um personagem escritor reflete sobre a condição do autor contemporâneo, enquanto cruza fronteiras. A presente pesquisa pretende analisar estes textos híbridos. Eles poderiam ser uma alternativa para a crítica em tempos como os de hoje, em que, entre outras coisas, o mercado editorial pressiona para a criação de produtos mais vendáveis e de público mais abrangente? Esse autor-personagem em trânsito pensa o lugar do escritor latino-americano na atualidade? A presente comunicação pretende refletir principalmente sobre essas duas questões.

Palavras-chave: João Gilberto-Noll, deslocamento, crítica literária, mercado

1. Introdução:

O boom que atingiu a literatura latino-americana em meados do século XX é apontado como o momento de maior profissionalização do escritor da região, processo que começou no século XIX, com uma gradativa autonomia do autor latino-americano, mas que deu um pulo com a explosão do mercado editorial na década de 1960. Foi o período em que a produção de muitos autores passou a circular além das fronteiras locais e em que alguns escritores puderam viver de seu próprio trabalho. Uma época áurea e que parecia única, um momento isolado na história da literatura da região.

Angel Rama, na coletânea de artigos *La novela en América Latina* (1982), afirma, em artigo escrito na década de 60, que, com raras exceções, o escritor da região nunca conseguiu viver de literatura e sempre precisou ter uma dupla jornada de trabalho. Rama acredita, inclusive, que o estilo corrido e cheio de arestas de quem escreve nos momentos vagos, depois de horas de trabalho remunerado, marca as produções locais.

Uma análise superficial do mercado literário atual parece apontar uma melhora nesse panorama. Em entrevistas, alguns autores vêm afirmando que a globalização, com uma maior interação dos mercados, a explosão de eventos ligados à literatura e as novas tecnologias, que possibilitam uma publicação mais independente, vem fazendo do início do século XXI um outro momento em que escritores da região vêm conseguindo viver de sua escrita.

Em *Ficção brasileira contemporânea* (2010), Karl Erik Schollhamer, analisando o mercado nacional, afirma que a estabilização econômica do país possibilitou um aquecimento na venda de livros e a criação de uma série de feiras, encontros com os leitores e festas literárias. Seguindo o modelo bem-sucedido da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que acontece desde 2003, surgiram a Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas (Flipporto), de Passo Fundo, Porto Alegre, o Fórum das Letras de Ouro Preto, só para citar os principais exemplos brasileiros.

Aumentam as possibilidades, mas também a exposição da figura do escritor e as demandas do mercado. Em *Leitores, espectadores e internautas* (2008), o antropólogo argentino Nestor Garcia Caclini dedica um capítulo de seu livro ao que ele chama de a necessidade de provocar assombro, que teria como objetivo atrair o público. Para o autor, as artes de

vanguarda trabalhavam com o assombro, mas numa época de mercado competitivo e fronteiras alargadas, as editoras criaram essa necessidade do assombro, de atrair a atenção do público para a obra, seja expondo o escritor em eventos ou prometendo divulgar estratégias de sua escrita. Expondo a figura do autor como aperitivo para a venda da sua obra.

A intenção desse artigo é pensar esse momento utilizando como lente a obra do escritor João Gilberto Noll, especificamente o romance *Lorde* (2004).

2. Noll em foco

A obra de Noll ficou atrelada à discussão de questões contemporâneas e, talvez por isso, seja tantas vezes analisada. Há inúmeras teses de doutorado, centenas de dissertações de mestrado, dezenas de capítulos de livros e um número incontável de artigos sobre o escritor. Características dos tempos atuais, como a falta de referência e de sentido, estão presentes no protagonista de seus romances, um andarilho-viajante vagando sem fim que aparece livro após livro. Um personagem que caminha em um contexto de crise dos grandes relatos legitimadores, perda das certezas, descentramento do sujeito, deslocamento de um ponto de vista onisciente e totalizador para uma pluralidade de vozes, num tempo onde as certezas foram substituídas pelas opiniões e pontos de vista. Elementos dissecados por teóricos como, por exemplo, Lyotard, Fredric Jameson e Habermas, preocupados em definir as mudanças em uma época que foi caracterizada por muitos como pós-moderna.

Dois livros do autor inserem um personagem escritor, com as mesmas características de Noll, nesse contexto de falta de sentido e atmosfera onírica que já caracterizava a sua obra: *Berkley em Bellagio* (2002) e *Lorde*. Por isso, é complicado analisar *Lorde* sem levar em conta *Berkeley em Bellagio* (2002), que guarda tantas semelhanças. Em *Espectáculos de realidad* (2007), Reinaldo Laddaga defende que um romance precisa necessariamente ser lido em parceria com o outro. “É preciso ler este livro (*Lorde*) junto com *Berkeley en Bellagio*, e os dois como atos de uma mesma comédia da vida do escritor na época em que os seus meios de subsistência provêm, sobretudo, de universidades e fundações” (Laddaga, 2007, p.90).

Berkley em Bellagio fala de dois convites recebidos por Noll na vida real e vividos por seu personagem na ficção: no fim da década de 90 o escritor é convidado a ensinar literatura na universidade da Califórnia e a passar um período numa residência para escritores mantida por uma instituição na cidade de Bellagio, na Itália. A temática do romance faz pensar nos compromissos cumpridos por escritores contemporâneos, que não apenas escrevem seus livros, mas vivem num emaranhado de demandas e deslocamentos que a profissão exige nos dias de hoje.

3. Embarque

A mesma questão aparece claramente discutida nas páginas de *Lorde*. O escritor-personagem do romance foi convidado por um indivíduo inglês para uma espécie de missão em terra estrangeira. O objetivo da viagem permanece obscuro até o fim da história, mas, apesar das interrogações do personagem, percebemos logo de início que saber o motivo do convite não é algo que tenha realmente importância. “Poderia dizer que antes eu teria de resolver isso e aquilo. Não, que nada, eu teria apenas de trocar minha solidão de Porto Alegre pela de Londres. E ter na Inglaterra uma graninha extra para me sustentar”. (Noll, 2004, p.10)

O cenário que vai sendo desenhado é contraditório. Os convites para participar de encontros, palestras, os períodos como convidado em universidades estrangeiras sustentam esse escritor, possibilitam que viva da escrita, mas parece que continua a ser difícil se

manter para os que não entram nessa rota de eventos e viagens. Pelo menos, essa é a visão que aparece em *Lorde*.

O escritor da história parece cansado dessa rotina. Envolto em uma crise criativa, sem vontade de escrever, o autor chega à Inglaterra disposto a criar uma nova vida, uma nova história, a deixar para trás de vez o passaporte brasileiro que traz guardado no bolso e arrumar um inglês que lhe possibilite um recomeço. Então, ele veio. E logo nas primeiras páginas caminha para essa transformação, com o intuito de deixar a antiga imagem e vida para trás e construir outra. O primeiro sintoma é que começa a se desconhecer, esquecer sua história, pensa que, se olhar seu rosto no espelho, talvez até encontre já outro em seu lugar. Ele quer deixar para trás uma vida de incertezas, de precariedades materiais. Para a imprensa, afirma orgulhoso que sua estadia em Londres será uma oportunidade de representar o Brasil no exterior, mas a verdade é que a *graninha* (e o diminutivo nesse caso é proposital, já que a todo momento o personagem reforça como é pequena a remuneração) garantirá sua subsistência nos meses seguintes.

Estamos diante, logo nas primeiras páginas, do encontro de um inglês e um brasileiro. Esse último chegou convidado pelo primeiro, financiado, mas sua atitude e situação é de dependência e submissão. Existem diferenças marcadas na simples citação das nacionalidades. A relação não é igualitária. Em *O cosmopolitismo do pobre* (2004), Silviano Santiago fala de um novo tipo de cosmopolitismo, surgido graças aos desenvolvimentos tecnológicos. A democratização dos meios de transporte e de comunicação alargaram as fronteiras da população que antes, por falta de recursos, não participava dos acontecimentos globais. Os desfavorecidos do mundo, em busca de melhores condições de vida, passaram a migrar não para os grandes centros urbanos de seus países, mas para as grandes metrópoles do mundo, muitas vezes, de forma ilegal.

Para Santiago, uma vez estabelecidos no novo país, esses imigrantes passariam a ser tolerados como mão de obra barata, capaz de executar serviços necessários para o bom funcionamento da sociedade, mas que os habitantes locais não estão dispostos a se submeter.

Ao falar dessa população de imigrantes, Santiago se refere principalmente àqueles que estão à margem, longe dos grandes centros econômicos mundiais. Esse movimento resultaria à primeira vista em um multiculturalismo, mas esconderia uma espécie de etnocentrismo disfarçado, que toleraria o imigrante, o *outro*, para que este ocupe setores desvalorizados e subempregos nas metrópoles. Esse *outro* pode se instalar, mas só até determinado ponto, pode chegar apenas até determinados setores da sociedade, empregos, bairros. E sua situação ilegal aparece no fundo como uma vantagem, já que favorece a atitude de submissão.

Instalados nesse novo país, estes imigrantes se reúnem em comunidades de indivíduos agrupados por afinidades culturais. No estrangeiro, criam grupos que reforçam ainda mais sua condição de estranhos naquele ambiente, se transformam em minorias, vivendo em bairros de imigrantes, falando seu idioma natal entre si etc.

O escritor do romance, apesar de ter sido convidado por uma universidade inglesa, de certa forma se identifica com essa realidade. Logo que pisou em solo estrangeiro, foi levado para o bairro de Hackney. “Um bairro que eu sabia longínquo, ao norte de Londres, de imigrantes vietnamitas, turcos, já fora das margens dos mapas da cidade que costumam propagar em folders turísticos” (Noll, 2004, p.15). É hospedado em uma parte da cidade que seu anfitrião não conhece e nunca visitou. Noll exagera, mas reforça que seu escritor prefere ter que se submeter ao que for preciso do que voltar para casa, para seu país, relacionando sua rotina sempre a uma ideia de solidão e penúria.

Teoricamente, existe uma distância muito grande entre os imigrantes citados por

Santiago em seu texto e um escritor convidado para passar um período em uma universidade de Londres. Mas Noll aproxima essas duas figuras, reforçando que, pelo menos para ele, a dependência, a submissão e a falta de reconhecimento permanecem, a ideia de alguém que vem da margem e, em Londres, continua nela.

Silviano termina seu texto pensando em como esse deslocamento que atinge os desprovidos de renda pelo mundo, facilitado pelas novas tecnologias, pela economia globalizada, pelos meios de transporte, chegou também a outros setores da sociedade, como, por exemplo, o de intelectuais e artistas latino-americanos. Desde 1960, a fundação de órgãos de fomento à pesquisa tem possibilitado intercâmbios internacionais: jovens pesquisadores e professores cruzam fronteiras para aprimorar seus conhecimentos em universidades estrangeiras. E o movimento contrário também existe: pesquisadores e professores internacionais aportam em países latino-americanos para, teoricamente, transmitir seus conhecimentos. De uns anos para cá, o mesmo acontece com escritores, convidados a passar períodos em universidades estrangeiras, a participar de eventos internacionais, seminários, encontros com leitores¹.

Noll em seu romance faz uma ponte entre o deslocamento dos “pobres” e dos intelectuais, tão diferente em tantos pontos. O que ele parece querer mostrar é que há uma herança com a qual esse escritor precisa lidar e traça um panorama não muito otimista. Segundo seu personagem viajante, é possível viver da escrita se submetendo ao fluxo do mercado, mas é preciso pagar um preço caro pela realização profissional. Apesar dos sete livros publicados, do sucesso literário que o faz receber convites internacionais, ele precisa representar os papéis que lhe forem impostos.

Além da sua vontade de ser *outro* para se instalar no novo país, existe um *outro* que é a imagem que o público e os leitores que encontra pelo caminho fazem dele. Quando se imagina na apresentação que fará para um público de leitores e estudiosos, compara a sua fala a uma performance. Primeiramente, a situação lhe parece semelhante a uma tortura. Depois, conforme vai seguindo, se vê em uma performance tantas vezes repetida. Um personagem atuando para atender à demanda da massa, limpando a maquiagem que escorre do rosto, tentando extrair histórias de sua vida, reais ou não. O que importa é provocar o riso, agradar à platéia, atender bem à demanda, proporcionar o show esperado pela audiência.

Ele queria que eu falasse do Brasil para uma audiência de seiscentas pessoas? Ah, me vinha logo um lago e eu entrando nele devagar, bem devagar porque a água estava fria e eu não tinha ainda carne suficiente para suportar. Minha pele, couro de arrego. Eu olhava em volta e não via ninguém (...) Mais?, agüentar mais um pouco o ferrão do gelo em que eu tinha me metido e então me afogar. (...) eu retiraria das entranhas essas e outras imagens, vividas ou não (...), com a dificuldade exposta, valendo pontos – delas extrair... (...) Tinha dito coisas para o público que talvez eu repetisse em todas as minhas palestras, talvez tudo não passasse de uma simples repetição à qual as pessoas costumavam aderir com certa veemência por eu saber aturdi-las com minha retórica poética. (idem, p-30-31)

Desde que desembarca do avião, está disposto a ser *outro*, a ser aquilo que queiram que ele seja. E a metamorfose se insinua já nas primeiras páginas do romance, quando

¹ A própria trajetória de Noll serve como exemplo para comprovar uma afirmação como esta.

compra um estojo de maquiagem e passa no rosto tentando esconder as antigas marcas, uma maquiagem que escorre enquanto caminha pela cidade, revelando aquilo que tenta tanto esconder. Ou quando vai a um salão de cabeleireiro e pinta os cabelos num tom novo. Esse *outro* aparece como uma espécie de adequação entre a imagem que fazem dele e o seu desejo de começar uma nova vida, sem tantas incertezas financeiras. Ele se sente “parte daqueles autores imigrantes, sem nacionalidade precisa, sem bandeira para desfraldar a cada palestra, conferência” (idem, p.33)

Seguindo o raciocínio de Julia Kristeva, em *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), as transformações sofridas no corpo estariam associadas à própria condição de estrangeiro e à natureza da viagem.

Separar-se da sua família, do seu idioma, do seu país, para vir se assentar em outro lugar é uma audácia acompanhada de um frenesi sexual: sem mais proibições, tudo é possível. Pouco importa se a passagem da fronteira é seguida por uma orgia ou, pelo contrário, por um recolhimento medroso. O exílio sempre implica uma explosão do antigo corpo. (Kristeva, 1994, p.37)

Conclusão:

Como em outros tantos livros do autor, estão presentes também em *Lorde* a atmosfera onírica, o personagem que segue um fluxo sem vontade própria, o corpo posto a prova, sofrendo as consequências. Na história de Noll as transformações físicas a que se submete o personagem (a maquiagem, a tintura...) ou que imagina (a troca de personalidade no hospital, a vontade de fugir de espelhos para deixar de comprovar se o reflexo que aparece é de outra pessoa...) estão associadas a um frenesi sexual. Um corpo que funciona sexualmente, apesar de parecer doente e sem forças. Homens que cruzam o seu caminho e despertam desejos sexuais nunca concretizados. Pessoas que ele vê ou conhece e que aparecem como a possibilidade de uma noite de sexo e, junto com isso, a chance de um recomeço. Se concretizasse suas aspirações, ele não teria apenas o inglês a quem se apoiar, mas também esse outro ser, que o possibilitaria assumir outra identidade e não voltar mais para o Brasil.

O sexo, de certa forma, também aparece associado à geração de uma nova vida, mas, no caso, uma nova vida para ele mesmo. A possibilidade de ser *outro* através do sexo. E é justamente isso o que ocorre ao fim do livro. Noll-personagem se vê sozinho, sem apoio (o inglês acabara de se suicidar pulando de uma ponte) e, depois de perambular por horas sem saber o que fazer, se dirige a uma estação de trem, rouba de um passante uma carteira recheada de libras e compra uma passagem para Liverpool. Lá, na nova cidade, uma professora o vê passar pela rua, o reconhece como o autor que ela tanto admira, o procura no hotel e lhe faz uma proposta para dar aulas de português na universidade local. Estão justamente precisando de um professor de português e ele aceita o convite, vai assumir o cargo. Finalmente, tem emprego, salário garantido, vai poder ficar, não precisará mais voltar ao Brasil. Mas a história não pára por aí.

Ele decide comemorar o golpe de sorte em um bar. Lá conhece um antigo trabalhador da estiva, dono de uma loja de ferragens, com um sol cheio de raios tatuado em um dos braços. O encontro sexual, tantas vezes ensaiado ao longo da história e nunca realizado, enfim acontece e, com este, se concretiza a mutação.

A primeira coisa que vi foi o sol rodeado de raios tatuado no meu braço. Abaixei a cabeça para não surpreender o resto. Murmurei: Mas era no

meu braço esse sol ou no de George? O espelho confirmava, não adiantava adiar as coisas com indagações. Tudo já fora respondido. Eu não era quem eu pensava. Em consequência, George não tinha fugido, estava aqui. Pois é, no espelho apenas um: ele. Alguém escapara pela porta do quarto? Mantive-a aberta, precisava pensar... Resistia ainda qualquer excrescência de minha figura para poder ter ido embora? Ah, não: fechei a porta, passei a chave. (idem, p.109)

Um corpo que respondeu aos seus anseios, que concretizou na carne o desejo de mudança. Mas, ao mesmo tempo, é também de certa forma uma concretização da falta de autonomia. Se deixar incorporar, virar aquilo que queiram ou que preciso for.

Em uma das cenas do livro *Berkley em Bellagio* (2003), de Noll: o personagem-escritor se vê exposto, em algum museu, como uma peça para a apreciação do público, sem vontade própria ou autonomia, a mercê daquele que ganhará dinheiro com a mostra da figura do escritor.

Nas catacumbas eu me rendo, não sei exatamente a que ou a quem, me rendo, sei que não quero nem saber se fui idealizado por alguém; se esse alguém existe que me exponha pra ganhar a sua grana num museu em Nova Iorque, em São Francisco, Chicago (...) eu ficarei aqui à espera que encontrem o meu museu e nele eu possa produzir riquezas só com a minha auto-exposição: eu ali parado no retângulo envidraçado, correntes forradas de veludo em volta para que não se aproximem tanto, quem sou? por que provooco tamanha curiosidade alheia?, o que faço?, se é isso que todos querem ver, enfim, eu sou alguém que nada faz, que nada tem, nem ao menos o seu próprio corpo. (Noll, 2003, p.51-52)

A cena, de certa forma, sintetiza uma ideia presente no romance: a de uma escrita que não basta mais para a sobrevivência desse escritor. A ficção precisa transbordar as páginas de seus livros. É preciso realizar performances. Laddaga, em *Espetáculos de realidade*, afirma:

É impossível não identificar a esta criatura com João Gilberto Noll, escritor em transe de sobrevivência, e ao livro como um minúsculo mapa dos circuitos que sustentam o trabalho de um considerável número de escritores mais ambiciosos da região em condições contemporâneas. O livro é uma breve fantasmagoria e uma meditação. (Laddaga, 2007, p.12)

Os dois livros ainda utilizam propositalmente elementos da vida do escritor misturados à ficção. Como se a própria trajetória de Noll reforçasse a ideia de submissão a um sistema. Noll nasceu em 1946 e sua trajetória literária é marcada por períodos passados em universidades estrangeiras. Em 1982, ganhou uma bolsa do programa de escritores da Universidade de Yowa, nos Estados Unidos. Entre 1996 e 1998 passou um período em Berkley, nos Estados Unidos, convidado para lecionar cursos de literatura brasileira contemporânea na universidade. Depois, passou um mês como convidado na residência de escritores em Bellagio, na Itália. Em 2004, passou dois meses em Londres como escritor residente no King's College, onde escreveu o romance *Lorde* (2004). Em outubro de 2009 viajou à Espanha e à Inglaterra onde participou de palestras em Madri, Barcelona, Salamanca e Santiago de Compostela. Nos eventos foram estudadas ainda as traduções para o inglês e espanhol da obra de Noll. O autor ainda escreve para jornais, participa de programas televisivos, esteve na Festa Literária Internacional de Paraty de 2008 (Flip),

assim como em uma série de outros eventos literários. Inúmeras entrevistas com o autor já foram exibidas e publicadas em programas de televisão, sites, jornais, revistas...

Em *O lugar do escritor* (2003), livro em que o fotógrafo Eder Chiodetto capta o lugar de trabalho de 36 autores brasileiros consagrados, João Gilberto Noll dá um depoimento de como, de certa forma, sua vida acabou por influenciar a sua escrita. E, que, por ter optado por se transformar em um escritor profissional, teve que se submeter a uma espécie de vida nômade, que acaba refletida nos personagens que escreve (ou no personagem, já que as características deste sempre se repetem, livro após livro).

Toda a minha desenraização tem só um quê de romântico, nada mais do que um simples quê. O fato de ter vivido num hotel e de escrever à mão, tudo isso que poderia à primeira vista parecer glamour, não o é, de fato, mas sim dados de uma condição que vinha de uma opção insana que fiz há uns quinze, vinte anos pela literatura - no sentido de ser um escritor full-time, o que me fez viver algum tempo sob tetos alheios, escrever meus livros na casa de veraneio de um irmão em pleno inverno, para poder manter um espaço só meu para criar. Nesse panorama, custei um tanto para me sentir seguro geograficamente para poder conservar comigo uma máquina da estatura de um computador, sem ter de carregá-lo pelas estradas da vida como um saltimbanco ou sem-teto, que de fato fui. (<http://www.joaogilbertonoll.com.br/depoimentos.html>²)

Pelas lentes de Noll vemos escritores que ainda parecem buscar um lugar, num mundo dominado pelas leis de mercado, em que é preciso criar personagens, mitos, *outros* para atender às diferentes demandas de forma satisfatória. O escritor é associado a um produto, que aparece exposto em um cubo de vidro, para observação e visita pública.

Referências bibliográficas:

CANCLINI, Nestor García. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. Iluminuras: São Paulo, 2008.

CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor**. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. Ficção e Desenraizamento. In: **Fórum Virtual de Literatura e Teatro**. Disponível em:

<http://www.pacc.ufrj.br/literatura/arquivo/polemica_ficcao_e_desenraizamento.php>

Acesso em 13 dez. 2010.

GOMES, Renato Cordeiro. Deslocamento e distância: Viagens e fronteiras na cultura latino-americana – Dramatização de marcas identitárias.” In: JUNIOR, Benjamin Abdala.

SCARPELLI, Marli Fantini. **Portos flutuantes: Trânsitos Ibero-afro-americanos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

LADDAGA, Reinaldo. **Espetáculos de realidade: Ensayo sobre la narrativa latinoamericana de las últimas dos décadas**. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 2007.

² O livro está indisponível para venda, mas o depoimento de Noll pode ser consultado no site dedicado a ele: <http://www.joaogilbertonoll.com.br/depoimentos.html> (consulta realizada em agosto de 2010).

MARTINS, Analice de Oliveira. **Identidades em vôo cego: estratégias de pertencimento na prosa contemporânea brasileira.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.

NOLL, João Gilberto. **Berkley em Bellagio.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
_____. **Lorde.** São Paulo: Francis, 2004.

RAMA, Angel. **La critica de la cultura en America Latina.** Caraca: Biblioteca Ayacucho, 1985.

_____. **Literatura, cultura e sociedade na América Latina.** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2008.

_____. **A cidade das letras.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1971.

_____. **Vale quanto pesa: (a ficção brasileira modernista).** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1982.

_____. **O cosmopolitismo do pobre.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.